

O Militante



BOLETIM DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

RESOLUÇÃO DO COMITÉ CENTRAL SOBRE O TRABALHO ENTRE OS CAMPONESES

Realizou-se nos fins do ano que passou uma reunião de quadros para discutir algumas questões relacionadas com o trabalho do Partido entre os camponeses. Essa reunião elaborou um conjunto de conclusões e sugestões que foram apreciadas pelo Comité Central. Na sua base o Comité Central aprovou a seguinte resolução.

1—A falta de acompanhamento e discussão dos problemas concretos do campesinato, a extrema debilidade da organização partidária de camponeses, a inexistência de influência organizada do Partido em extensas regiões agrícolas são a consequência duma subestimação evidente do papel determinante que tem a aliança da classe operária com o campesinato não só para o derrubamento do fascismo como para a construção do caminho que há-de levar o nosso povo para o socialismo.

Desta constatação resulta que há que realizar uma modificação decisiva no trabalho do Partido entre os camponeses.

2—Ao analisar as classes que existem no campo é claro que todos os que não possuem ou arrendam qualquer parcela de terra, que são obrigados a vender a sua força de trabalho para cultivos de outros, isto é, todos os que constituem o operariado agrícola, fazem parte integrante da classe operária.

Segundo as estatísticas, são actualmente cerca de 900 mil os operários agrícolas. São uma força poderosa que é necessário mobilizar por todo o país, para o que importa muito criar células de operários agrícolas nas províncias onde a nossa influência organizada no campo é quase inexistente. As organizações partidárias de operários agrícolas são uma via natural para a aproximação com os camponeses, para lhes fazer chegar a influência do Partido e para ajudar a sua organização.

3—O desenvolvimento do capitalismo no campo, bem traduzido pela alta percentagem do operariado agrícola, tem vindo sempre a reduzir o

número de camponeses. A permanência de dezenas de anos dum regime de terror do grande capital, do regime fascista de Salazar, acelerou mais ainda a ruína e a proletarianização de centenas de milhares de camponeses. De toda a actual população activa agrícola serão cerca de 400 mil os camponeses pobres e remediados, que constituem a grande massa dos camponeses em Portugal.

O conhecimento e discussão dos seus problemas, a criação de organismos do Partido que englobem os seus elementos de vanguarda e o alargamento e fortalecimento da influência partidária a vastas regiões agrícolas são os primeiros passos necessários para vencer a grande debilidade do trabalho do Partido entre os camponeses.

4—A classe operária necessita da aliança com o campesinato na luta contra a exploração económica e a opressão política dos trabalhadores. Os camponeses precisam de se aliar com a classe operária para vencer a ofensiva dos monopólios e dos grandes proprietários pois ela é a única classe que defende igualmente os interesses de todos os trabalhadores. Na luta pelo derrubamento da ditadura fascista, a classe operária e os camponeses têm interesses comuns e inimigos comuns.

A aliança da classe operária com o campesinato é condição necessária para a constituição da frente de unidade de todas as forças anti-fascistas, contra o domínio dos monopólios, dos latifundiários e dos imperialistas.

5—Tem de ser uma tarefa persistente do Partido o combate ideológico e político contra a influência dos grandes proprietários no campo. É necessário mostrar ao campesinato que é na frente de unidade anti-fascista que ele encontra a forma de defender a sua própria existência como classe ameaçada pelo capital monopolista de Estado. É necessário alertá-lo contra a demagogia do emparelhamento e da Junta de Colonização Interna. É necessário mostrar-lhe que o desenvolvimento do



capitalismo leva à exploração cada vez maior do pequeno e médio campesinato, conduz inexoravelmente à destruição das pequenas economias do campo e que a única forma de subsistir, de conservar a terra e mesmo de a aumentar é caminhar na via do socialismo em estreita aliança com os construtores do mundo de amanhã, da sociedade comunista — a classe operária.

6 — A luta dos camponeses organiza-se e desenvolve-se à volta das suas reivindicações mais imediatas como sejam a diminuição da renda ou parte que é paga ao proprietário da terra, a redução dos impostos, preços acessíveis dos utensílios e máquinas agrícolas, dos adubos, etc., estabelecimento de preços de entrega dos produtos agrícolas que tenham em conta as condições das explorações e a compensação do trabalho, a libertação das actividades agrícolas dos tabelamentos e imposições dos Grémios, Juntas, Comissões Reguladoras e outros organismos corporativos que estão ao serviço dos grandes agrários, negociantes e especuladores, a ampliação e normalização das relações comerciais com todos os países do mundo, a obtenção de créditos a longo prazo e juro baixo, o melhoramento da terra e a assistência técnica, melhores condições sanitárias, de escolaridade e de vida nos meios rurais, etc, e também em torno dos problemas mais gerais como a reforma agrária, que terminando com os latifúndios e os restos de relações feudais no campo, dê a terra a quem a trabalha e crie as condições para uma agricultura progressiva, a conquista da Liberdade Política, o fim da Guerra Colonial, a defesa da Paz Mundial e da Coexistência Pacífica.

É na luta simultânea da classe operária e dos camponeses à volta das reivindicações específicas de cada classe e na luta em torno das reivindicações comuns que se reforça a sua aliança.

7 — Todo o Partido deve ser mobilizado para se conseguir a modificação necessária no trabalho entre os camponeses. Todos os camaradas, e em especial aqueles que são oriundos das regiões agrícolas ou que aí vivem ou trabalham, devem, numa forma concreta, ajudar o Partido a organizar e a influenciar os camponeses.

Igualmente há que dar a devida importância às ligações já existentes de camponeses, de modo a que possam tornar-se centros de irradiação do Partido e há que destacar para tal trabalho alguns quadros, em especial os que tenham um contacto habitual com os problemas do campo, como sejam os operários agrícolas e os operários industriais

que conservem as explorações rurais.

8 — É necessário encontrar formas orgânicas susceptíveis de aceitação por parte de massas pouco preparadas politicamente e sem a experiência dum trabalho organizado e disciplinado. Será de interesse, pelo menos inicialmente, realizar reuniões de camponeses, sem ordem de trabalhos estabelecida em que, em tipo corrente de conversa, a explicação política da actual situação dos camponeses apareça clara e conduza à compreensão da necessidade de organização e de luta unida entre si e em aliança com a classe operária.

9 — É também necessário fazer chegar constantemente aos camponeses publicações voltadas para os seus problemas, que ajudem à sua unidade, organização e acção em defesa dos seus interesses, publicações que os esclareçam também sobre os objectivos, a importância e a necessidade duma ampla Reforma Agrária, publicações que elucidem sobre os problemas gerais do país, a luta pela Democracia, pela Paz, pelo Socialismo.

10 — A agricultura do país vive actualmente uma crise extremamente grave, produto directo da política dum governo do capital monopolista, ligado ao capital estrangeiro, e dos latifundiários. As massas camponesas, pobres e remediadas, mas até camponeses ricos, sabem que é impossível, nas condições actuais, continuar a sua actividade sem cair numa situação económica cada vez mais difícil que, para muitos, representa a ruína. Daí as lutas que os camponeses têm travado pela defesa dos seus interesses mais imediatos.

É necessário que o nosso Partido, que a classe operária ajude os camponeses na sua acção, vencendo a influência dos grandes proprietários que procuram sempre desviá-la para a obtenção dos seus fins, organizando-a de modo a conduzir à conquista das reivindicações da grande massa do campesinato.

11 — O alargamento e fortalecimento duma organização partidária de camponeses, a agitação esclarecedora dos seus problemas, a participação activa dos militantes no movimento camponês, nas Casas do Povo, nas Cooperativas, nas reuniões especiais da Lavoura, etc., a acção dessa organização e a ajuda de todo o Partido na defesa consequente dos interesses dos camponeses será o caminho a percorrer para ligar o Partido às massas camponesas do nosso país, para fortalecer uma poderosa aliança entre a classe operária e o campesinato.

Março de 1963

O COMUNISMO

O comunismo é um regime social sem-classes, com uma propriedade única dos meios de produção, pertença do povo, com inteira igualdade social de todos os membros da sociedade. Paralelamente ao desenvolvimento harmonioso dos homens ver-se-ão crescer aí as forças produtivas sobre a base da ciência e da técnica em desenvolvimento constante: todas as fontes de riqueza social correrão a jorros e assim se realizará o grande princípio: «de cada um segundo a sua capacidade, a cada um segundo as suas necessidades». O comunismo é uma sociedade altamente organizada de trabalhadores livres e conscientes, onde se implantará a auto-administração pública, onde o trabalho para o bem estar da sociedade será para cada um a primeira necessidade vital e uma necessidade tornada consciência, onde as capacidades de cada um serão aplicadas com o maior proveito para o povo.

(Do «Programa do Partido Comunista da União Soviética», publicada pelo Partido em tradução portuguesa)

ORGANIZAR E LUTAR, LUTAR E ORGANIZAR

A via para o derrubamento da ditadura fascista e a conquista da liberdade política, o caminho que nos conduzirá ao levantamento nacional defendido pelo nosso Partido, não está ainda claro para alguns camaradas e para muitos outros anti-fascistas. O que se tem escrito à sua volta e a experiência colhida nas lutas não tem sido suficiente para eliminar ideias confusas existentes quer no Partido quer entre outros anti-fascistas.

O documento do Comité Central «Perspectivas de desenvolvimento da luta nacional contra a ditadura fascista» a clara uma vez mais o pensamento do nosso Partido sobre essa e outras questões. Devemos continuar a discussão deste problema, embora seja na acção, fundamentalmente na acção, que as massas e os seus dirigentes compreenderão melhor o caminho que há a seguir para a vitória popular sobre o fascismo.

O «putchismo» e os golpes armados

Aparecem em várias organizações do nosso Partido camaradas com ideias que criam dificuldades à aplicação da linha do Partido. Eles afirmam: «Isto só vai com um golpe militar! Dê-mos armas que isto resolve-se! A organização, os «papeis», as lutas, isso não dá nada, só dá prisões!», etc, etc. Estes camaradas defendem a imediata formação de grupos armados para passarem à acção directa, ao mesmo tempo que espalham que «está para breve um golpe militar, agora é que vai».

De tais ideias resulta que o reforço e o alargamento da organização do Partido, a organização e a mobilização dos trabalhadores para a conquista das suas reivindicações, o seu esclarecimento e educação revolucionária, a unidade e organização de todas as forças anti-fascistas, como condição para derrubar a ditadura fascista e conquistar a democracia, são tarefas desprezadas e consideradas tarefas «pacíficas» de que nada resulta.

Temos que explicar mais ao Partido e à classe operária que a concepção «putchista», de grupos armados, isolados das massas, é uma concepção anarquista, de raiz pequeno-burguesa que tem prejudicado e continua a prejudicar a luta do nosso Povo.

A concepção «putchista» é estranha à ideologia

da classe operária e do seu partido político. Ela é soprada para dentro das fileiras da classe operária e do seu partido pela burguesia. Esta concepção é a da burguesia liberal que pretende derrubar Salazar afastando dessa luta as massas e o nosso Partido. Por isso ela faz imensos esforços para lançar para o seio das massas e do Partido a teoria de que a organização, as lutas parciais, a educação política dos trabalhadores, etc, não interessam para o derrubamento do salazarismo e que este só poderá ser conseguido com um golpe militar e não com a acção das massas.

A ideia do «putchismo» e dos grupos isolados afasta as massas do caminho da luta e leva-as a esperar a sua libertação, quebra o seu espírito revolucionário, deseduca-as e desarma-as na via para a sua emancipação.

A concepção «putchista» é a negação do papel revolucionário da classe operária e do papel dirigente do seu Partido. Ela não tem em conta as forças do fascismo e foge à realização das tarefas mais difíceis da nossa luta: forjar um grande Partido Comunista; esclarecer, unir, organizar e mobilizar o povo português para o assalto ao poder político.

Apesar do salazarismo ser um Estado odiado pela massa do povo ele é ainda um Estado forte. Tem o apoio dos grandes capitalistas nacionais e estrangeiros. É um Estado militarista e centralizado que dispõe dum aparelho repressivo poderoso, bem armado, treinado e nas mãos de quadros fascistas experientes. Nestas condições, querer derrubar o fascismo e conquistar a liberdade com grupos isolados das massas é cair na ilusão e no aventureirismo, é enganar-se a si próprio e ao nosso povo.

O caminho das acções de massas

Porquê existe hoje uma revolta muito maior no nosso povo contra o regime fascista? Porquê o desejo e a vontade de contribuir para o seu derrubamento é hoje muito mais geral? Porquê se têm levado a efeito acções grandiosas, poderosas manifestações e importantes lutas que têm criado grandes dificuldades ao fascismo e têm repercutido em todo o mundo?

A actual situação política explica-se pelas consequências que o nefasto regime salazarista, a di-

ladadura terrorista do grande capital, tem tido sobre todo o povo. Mas ao mesmo tempo a actual situação é o produto do longo, paciente e difícil trabalho de esclarecimento, de organização e de acção levado a cabo pelo nosso Partido e por todas as forças anti-fascistas.

Todo esse trabalho tem sido extremamente útil, indispensável. Os «papeis», a organização e as lutas estão na raiz da situação que actualmente vivemos. Sem os «papeis», a organização e as lutas nunca se teriam realizado as grandiosas manifestações e acções de Maio do ano passado. Eles têm sido o factor fundamental que nos conduziu à beira da derrubada do fascismo.

Os «papeis», a organização e as lutas continuam a ser necessários. São eles que levarão até ao levantamento nacional, são eles que criarão as condições para que se faça no nosso país uma verdadeira revolução nacional democrática.

A queda do fascismo não pode ser «decretada» pela vontade de alguns grupos de pessoas nem pode assentar simplesmente no descontentamento das massas. Para tomar o poder político ao salazarismo é necessário esclarecer ainda muito o nosso povo, é necessário fortalecer mais a organização do Partido e a organização das massas e é necessário levar por diante muitas e muitas mais acções.

Aqueles que dizem «estar fartos de papeis» é preciso explicar que a distribuição ampla de documentos pelas massas é muito necessário para lhes levar informações e indicações, para as esclarecer e principalmente para as mobilizar para as lutas.

Aqueles que desprezam os esforços feitos na organização não têm razão quando dizem que então «vamos perder muito tempo». Perderemos tempo se, na verdade, não fizermos tais esforços, porque só organizados poderemos vencer os obstáculos que se nos deparam.

Mas o esclarecimento das massas não se fará só com «papeis», ele faz-se principalmente com a acção.

Mas a organização também não se alarga e reforça simplesmente com o objectivo de se tornar mais larga ou mais forte. O alargamento e reforçamento da organização têm como objectivo a possibilidade de, assim, se poder levar a efeito acções que mobilizem mais gente e que sejam mais firmes.

É na acção que as massas aprendem a importância dos documentos e da organização. É na acção que as massas compreendem a sua força e a possibilidade de ela vencer um inimigo que é forte e cruel. É na acção que as massas se preparam para lutas mais amplas e firmes, é na acção que as massas ganham a experiência capaz de as levar às lutas decisivas, até ao levantamento nacional.

Organizar e lutar, lutar e organizar

Na verdade o levantamento nacional será o resultado do desenvolvimento e intensificação das pequenas e grandes lutas de carácter económico,

social e político do nosso povo.

Na medida em que se alargar e intensificar a luta por Pão ou trabalho, pela Amnistia, contra a guerra colonial, contra o fascismo, estaremos marchando para o levantamento nacional.

Na medida que a classe operária, da cidade e do campo, bem como as outras camadas anti-fascistas do nosso povo alargarem e reforçarem mais e mais a sua unidade, a sua organização e a sua acção, na medida em que se formar um amplo movimento anti-fascista, tendo a alicerçá-lo a unidade de acção das massas trabalhadoras, estaremos caminhando rapidamente para o fim do salazarismo.

Na medida em que as lutas, as manifestações, os comícios, as greves, etc., se alargarem e se intensificarem interligando-se nas principais empresas, regiões, cidades, vilas e aldeias do país, estaremos percorrendo o caminho que nos leva ao levantamento nacional.

Esta é a solução defendida pelo nosso Partido para derrubar a ditadura fascista e conquistar a democracia e para a qual devemos ganhar todo o Partido e as massas.

O Partido não diz que o povo não terá que pegar em armas para se libertar. O que o Partido combate é o aventureirismo, as acções isoladas que acabam sempre em fracasso e enganam o povo.

Muita gente pede armas e espera por elas. Mas enquanto os trabalhadores e o povo esperarem que alguém lhes vá distribuir armas é porque não há ainda condições para uma acção armada das massas. A classe operária não pode esperar que alguém lhe entregue as armas. As armas há que ir buscá-las onde elas estão, há que as conquistar. Para isso é necessário criar condições de organização e mobilização de massas que ainda não existem.

É necessário desenvolver maiores esforços para intensificar o trabalho de organização: fazer do nosso Partido um grande Partido Nacional, bem ligado às massas, bem unido e armado com a teoria marxista-leninista. Para isso é preciso levar o Partido às principais empresas, localidades, quartéis, escolas, etc., é preciso estruturar muito melhor o Partido, dar tarefas aos quadros e colocá-los onde sejam mais úteis à luta.

É necessário fazer maiores esforços para alargar e intensificar a organização dos trabalhadores. A ligação do Partido com as massas tem de ser encarada muito no terreno da organização. É preciso encarar e tomar medidas orgânicas para a formação de muitas Comissões e Comitês de Unidade para dirigirem a luta económica e muitas e muitas Juntas Patrióticas que encabeçam a acção política dum modo geral.

É necessário mobilizar as massas para as acções, para a conquista de reivindicações parciais. Só assim criaremos as condições para que novas e grandes lutas se dêem, novas e grandes lutas que culminarão no levantamento nacional contra o fascismo.

A tarefa de todos os comunistas e também dos outros anti-fascistas é **organizar e lutar, lutar e organizar**. É por este caminho que derrubaremos o fascismo e conquistaremos a liberdade política.

Há torturas que façam falar?

Continua a verificar-se que membros do Partido, ao caírem na prisão, prestam largas declarações à PIDE e denunciavam outros militantes que por sua vez são presos e fazem também declarações e confirmações sobre a actividade partidária. Com a colaboração destes elementos, a polícia tem assim conseguido destruir células de empresa, organizações locais e regionais do Partido, destruindo um trabalho organizativo de anos e fazendo recuar a luta popular.

Na cadeia ou depois de saírem em liberdade, alguns desses elementos, em vez de reconhecerem a sua cobardia, espalham a desmoralização à sua volta, procurando justificar-se com as torturas e dizendo que «agora ninguém aguenta sem falar», «gente como nós falam todos», «as pessoas sentem-se enlouquecer e têm alucinações que fazem falar», etc.

Nenhuma destas «justificações» é nova. Tudo isto já é dito desde há muitos anos. Mas elas devem ser hoje mais largamente discutidas e combatidas, pois a PIDE está fazendo um grande esforço para espalhar um ambiente de cedência perante os espancamentos e torturas, a que recorre indiscriminadamente com homens ou mulheres, com jovens ou velhos. Para a polícia tem uma grande importância conseguir fazer fraquejar cada novo preso, não só pelas informações que lhe arranca, mas também porque será mais um que levará consigo um exemplo de cobardia e de traição, minando a confiança dos outros lutadores nas suas próprias forças.

É claro que hoje como no passado, a polícia não tem um único meio que lhe permita fazer falar um comunista; quando um preso fraqueja, não é porque os métodos da polícia o obriguem a falar: ele fala porque é essa a sua vontade, porque não tem verdadeira confiança na causa do Partido e não está disposto a sacrificar-se por ela. Na realidade, a grande arma da polícia não é a «tortura do sono», a «estátua», ou quaisquer processos «novos». A grande arma do inimigo é o terror e a desmoralização e por isso ele esforça-se por espalhá-los nas nossas fileiras.

Tudo isto mostra que a preparação cuidadosa de cada militante do Partido para enfrentar a polícia é uma tarefa que deve merecer a maior atenção das nossas organizações.

Devemos divulgar largamente os exemplos de muitos comunistas que suportam bárbaras torturas sem que nada os faça desviar do sentido da honradez e da defesa dos interesses do Partido. No último ano, entre tantos dirigentes e militantes responsáveis do nosso Partido que enfrentaram firmemente os maus tratos da PIDE, tornaram-se especialmente conhecidos os casos de Octávio Pato, Júlio Martins, Augusto Lindolfo, João Honrado, José Bernardino e Jorge Araújo, pela brutalidade

das torturas a que foram submetidos. Todos eles sofreram grande abalo físico e nervoso com as pancadas e torturas, alguns tiveram alucinações; mas nenhum se sentiu obrigado a fazer denúncias à PIDE, nenhum abriu a boca para falar. Para eles, os brutais espancamentos, as noites e dias sem dormir até às 200 horas seguidas e mais, as ameaças de morte, não deram qualquer efeito.

Ainda recentemente se tornou conhecido que António Dias Lourenço, membro do Secretariado do Comité Central foi extraordinariamente torturado, durante 6 meses, pelos assassinos da PIDE. Entretanto era ainda António Dias Lourenço, cuja vida estava perigoando nas mãos dos seus carrascos, que gritava nas celas do Aljube: «Camaradas, coragem! Sou o camarada João, não trairei nem o meu Partido nem o meu Povo! Coragem, camaradas!»

Mas será que só certas pessoas, excepcionais, digamos, podem suportar as torturas e espancamentos sem falar?

Não falemos então dos exemplos dados pelos dirigentes e militantes responsáveis do Partido. Falemos em alguns casos de outros presos, comunistas ou não, que tendo sido duramente torturados, nada os fez falar, nada os fez servir os interesses dos piores inimigos dos trabalhadores.

José Pacheco é um camponês da região de Sines, militante do Partido desde há muitos anos. Quando foi preso em 1961, em Setúbal, um bárbaro tenente da GNR espancou-o miseravelmente com socos violentos, pontapés e com cavalo-marinho. Quando José Pacheco caía no chão, pisava-o e enquanto o feria loucamente com o cavalo-marinho chorava de raiva gritando: «Então eu não te hei-de vergar?»

Porque é que José Pacheco não «foi vergado» e se recusou terminantemente a falar ante o bárbaro espancamento de que foi vítima? Será porque é um homem de 50 anos, muito magro e doente, com reduzida resistência física?

Maria José Ribeiro é uma jovem que vive e trabalha no Porto. Foi presa no dia 8 de Março de 1962. Os miseráveis agentes da PIDE agrediram-na bárbaramente mesmo com cavalo-marinho, chegando a quebrar-lhe os óculos no rosto. Recusou-se sempre a responder às perguntas dos seus carrascos. Porquê? Será porque é uma mulher?

O Dr. Flausino Torres é um conhecido professor e intelectual de nomeada que vive em Tondela. Foi preso em Outubro do ano passado. Em Janeiro deste ano os criminosos da PIDE submeteram-no à tortura do sono durante 136 horas. Porquê este intelectual patriota se recusou a responder às perguntas que lhe eram feitas durante a tortura, sobre o Partido e as Juntas? Será porque é um homem com mais de 55 anos, e bastante doente?

Já têm sido citados os exemplos de Maria Custódia Chibante, comerciante no Couço, e de um jovem desta mesma terra. Foram presos juntamente

com outras pessoas dessa heróica aldeia. Foram denunciados por outros de que eram comunistas. Ambos foram selvaticamente torturados. Mas nenhuma tortura fez com que abrissem a boca mesmo para confirmar o que os outros tinham dito.

Serão ainda estas as pessoas excepcionais?

Vejamos então mais um exemplo. Num apuramento feito há pouco, numa região do país, onde se verificaram traições que muito prejudicaram o Partido concluiu-se que em todo o ano de 1962 foram presos 37 militantes e simpatizantes do Partido. Em virtude da cobardia 11 desses elementos traíram miseravelmente ou fizeram quaisquer declarações à PIDE, pelo que foram expulsos do Partido. Os outros 26 souberam defender o Partido e a sua honestidade. Serão estes 26 os excepcionais?

Não. Somente eles não se esqueceram de que têm de defender a causa da libertação do nosso povo em todas as circunstâncias, não perderam de vista que estavam perante os inimigos do nosso povo e não pensaram em pactuar com o inimigo para ser poupados aos sofrimentos.

Os comunistas não são pessoas excepcionais; o que é excepcional é a causa por que lutam, dela lhes vem a sua grande força, é ela que cria e reforça o seu heroísmo. Por isso, hoje como no passado, o problema da resistência às torturas da polícia tem que ser discutido com todos os militantes como um problema político.

Como assinala a Resolução do Comité Central, o Partido precisa de fazer penetrar em cada comunista uma confiança ilimitada na justeza e no triunfo da nossa causa e ao mesmo tempo um grande espírito de abnegação. Lutadores de vanguarda pela conquista de um futuro radioso para Portugal, os comunistas têm por isso que estar prontos

para todos os sacrifícios e enfrentá-los decididamente. Fazer a Revolução democrática em Portugal, aniquilar a criminoso camarilha salazarista, aniquilar o poder dos monopólios e dos latifundiários, lançar as bases para renovar a nossa sociedade, — para criar o socialismo e caminhar para o comunismo — é esta grande perspectiva que dá forças aos comunistas.

Os que fraquejam e traem na polícia não o fazem por falta de resistência física, nem porque tenham problemas pessoais ou familiares mais graves que os dos outros; fazem-no porque lhes falta a consciência, abnegação e firmeza de revolucionários. Todo aquele que, desejando o triunfo da luta do Partido, não tem contudo verdadeira confiança nesse triunfo e receia o inimigo, julgando-o invencível; todo aquele que se sente inseguro quanto à justeza da nossa luta e não tem verdadeiro ódio de classe ao inimigo, ou que, compreendendo a justeza da luta, nada lhe quer sacrificar; todo aquele que evita pensar na hipótese de ser preso e prefere dizer a si mesmo que «talvez tenha sorte», ou ainda que se esquece dos nossos ideais e cai na rotina, amolece, abandona a intransigência e a vigilância revolucionária para consigo e para com os outros — esse não está devidamente armado para enfrentar vitoriosamente o inimigo em caso de prisão.

Devemos avivar em todos os militantes a consciência da nossa grande causa, devemos educar todos os militantes na defesa abnegada dos interesses do Partido. Deste modo, todos os comunistas se sentirão com forças para enfrentar honrosamente a prisão, os espancamentos e torturas da polícia.

Mais ligações para as Forças Armadas!

○ segundo turno da incorporação deste ano no Exército está previsto para os primeiros dias de Maio.

Novos milhares de jovens vão entrar nos quartéis para, passado algum tempo, serem enviados para as colónias sacrificar a vida na defesa da criminoso guerra salazarista.

É necessário que em todas as organizações se procure conhecer quais os camaradas, simpatizantes ou outros jovens anti-fascistas que vão ser incorporados.

É necessário que com todos eles se discutam as novas condições em que vão viver e que sejam esclarecidos como actuar entre os seus companheiros, no seio das forças armadas.

Ao mesmo tempo é necessário credenciá-los para que se possam ligar à organização partidária ou anti-fascista existente no Exército. Tais credenciais, sempre que possível, devem ser combinadas para fora dos quartéis.

Conhecem-se vários casos de camaradas e simpatizantes que não foram credenciados ao irem para a tropa e outros casos de credenciais feitas que não foram aproveitadas. Conforme se diz na resolução do Comité Central sobre Organização, de Dezembro do ano passado: «Não passar uma credencial para um jovem que vai para a tropa ou outro elemento das forças armadas ou descurar a rápida ligação com ele através dessa credencial é uma falta muito grave».

Reforcemos rapidamente a organização e a luta patriótica nas fileiras das Forças Armadas! A realização desta tarefa é da maior importância para o alargamento da luta nacional anti-fascista.



CORRIJAMOS OS ERROS CONSPIRATIVOS! MELHOREMOS A DEFESA DO PARTIDO!

Durante todo o ano de 1962 muitos e muitos foram os camaradas presos. Na sua maioria tais prisões estão ligadas a acções de massas, mas há outras que se enraizam em graves deficiências conspirativas. O facto de serem camaradas com uma situação legal não nos permite falar muito concretamente mas devemos apontar algumas das nossas deficiências em relação à defesa das organizações do Partido.

A falta de conhecimento e cumprimento das regras conspirativas faz com que se cometam constantemente erros conspirativos que levantam suspeitas, que fornecem indicações aos bufos e agentes da PIDE, que dificultam a defesa das organizações e têm provocado não poucas prisões.

São constantes os casos de camaradas que, por **inconfidência**, informam outras pessoas de que são membros do Partido das suas tarefas, do conhecimento que têm de outros membros do Partido, etc. Tais inconfidências extremamente prejudiciais à defesa, conduzem à descompartimentação das organizações e abrem as portas à repressão fascista.

Também a **falta de compreensão pela defesa de todos os contactos orgânicos**, base das faltas, dos atrasos e de menos segurança nos encontros e reuniões, provocam dificuldades ao fortalecimento e alargamento das organizações e criam grandes obstáculos à defesa conspirativa.

A **falta de cuidado com a distribuição, a leitura e a manutenção da imprensa do Partido** aparece em vários lados como raiz de algumas prisões e os descuidos que se conhecem em relação a apontamentos, relatórios, etc., denotam bem os perigos a que tais erros sujeitam membros e organizações do Partido.

Por outro lado a **falta de vigilância ante os provocadores e espiões** tem permitido a estes aperceberem-se de segredos do Partido e até introduzirem-se na organização.

Outras vezes, pressionados pela necessidade de realização de certas tarefas não se tem tido o devido cuidado e encarregam-se quadros, que fazem muita falta para outras coisas, de fazer tarefas que não lhes competia. Apesar de serem muitos os exemplos de tais casos e de há muito se conhecer os prejuízos que deles resultam, continua-se a verificar falta de direcção e de decisão para a descentralização das tarefas.

Igualmente se verifica por vezes a falta de medi-
das capazes para defender certos quadros visados pela PIDE mas que estão dispostos a defenderem-se, porque não se sabem vencer as dificuldades

que existem, quer do ponto de vista orgânico quer do ponto de vista de fundos.

Finalmente, antes de entrarmos num aspecto que queremos especialmente destacar, a **falta de consolidação orgânica do Partido**, bem como uma **fraca ligação com as massas**, dificultam muito a defesa das organizações.

As traições estão na origem de muitas prisões

A importância desta questão obriga-nos a tratá-la separadamente. Na verdade são as traições que estão na origem de muitas das prisões que se deram este ano (1962). Elementos que faziam parte das organizações de Lisboa, Porto, Coimbra, Sacavém, Barreiro, Almada, Aljustrel, Couço, etc., fizeram denúncias à PIDE.

Os males que estas traições causaram ao nosso Partido são enormes. Em virtude da traição miserável de Eduardo Viana cerca de uma centena de pessoas foram presas em Coimbra e a organização partidária na terceira cidade do país foi dizimada. Pela traição de Manuel Estanqueiro ficaram a descoberto algumas importantes organizações de Lisboa tendo já sido presas várias pessoas. Pelas traições de muitos outros elementos a PIDE ficou na posse de muitos dados, as organizações visadas recuaram e o trabalho do Partido ficou muito dificultado.

Sabemos que será impossível evitar completamente a entrada no Partido de elementos frágeis, pouco honestos, com reduzido espírito de classe. Mas as traições que se têm dado mostram que têm entrado demasiados elementos com tais características dentro do nosso Partido e, o que é ainda pior, tais elementos têm sido promovidos, tendo alguns chegado mesmo ao quadro de funcionários do Partido.

Isto prova bem como é necessário por um lado ter mais cuidado no recrutamento mas, por outro, muito mais cuidado na educação e na selecção e promoção dos quadros.

(Extractos da intervenção feita na reunião do Comité Central de Dezembro de 1962, «Sobre questões de Direcção e da Defesa do Partido»)

Realizemos o plano de organização

Uma tarefa decisiva: Multiplicar por 4 os nossos secretariados de empresa

Na sua reunião de Dezembro, o Comité Central fixou ao Partido o objectivo de multiplicar por 4 até ao fim do ano o número dos nossos secretariados de empresa. Trata-se duma tarefa de grande importância cuja realização deve ser discutida e acompanhada em todos os sectores do Partido.

O panorama que nos oferece a nossa organização operária tem muitas deficiências. O Partido tem militantes em centenas de empresas de norte a sul do País, mas só numa sexta parte dessas empresas existem secretariados de célula; nas outras estamos reduzidos a ligações dispersas que em muitos casos pouca influência exercem sobre a classe operária. E nem falamos aqui nas centenas e centenas de outras empresas, algumas muito importantes, para as quais ainda não temos qualquer ligação.

É para as grandes e médias empresas, onde está concentrada a parte mais consciente e combativa da classe operária, que devemos voltar a nossa maior atenção. Numa zona industrial onde existem 30 empresas médias e grandes agrupando mais de 11 mil operários, apesar de termos ligação para a maioria delas, a nossa estruturação reduz-se a 3 secretariados e a uma comissão organizadora. Este exemplo, que não é único, mostra a necessidade dum grande esforço de organização do Partido.

Resistências e dificuldades para criar o secretariado de empresa

Em muitas empresas, o secretariado de célula não se forma porque todo o trabalho partidário está nas mãos dum único camarada, dum activista que recruta alguns companheiros de trabalho e lhes distribui a imprensa; o «homem do Partido», que pensa que os outros não têm condições políticas a que faz girar toda a actividade à sua volta torna-se assim um entrave à estruturação do Partido.

Em muitas outras empresas, temos comunistas inteiramente isolados, que resistem a recrutar os seus companheiros de trabalho, pensando defender-se assim melhor da polícia e que por este facto impedem o Partido de exercer o seu papel dirigente entre os operários.

Muitos destes camaradas, que nas suas empresas se fecham e se isolam, dão a imprensa do Partido a amigos e vizinhos que trabalham noutras empresas. O Partido consegue assim estabelecer ligações para muitas empresas duma mesma zona mas todas estas ligações são politicamente débeis, através de-

las não circula a orientação e as palavras de ordem do Partido. Fazem-se encontros entre os camaradas mas esses encontros são só para entregar a imprensa e tratar das cotizações e rubricas. Podemos nós dizer que esta é uma ligação partidária viva?

Para quê o secretariado de empresa?

Estas dificuldades e resistências têm uma mesma origem: a subestimação do secretariado de célula, a incompreensão sobre o papel organizador e dirigente do Partido entre a classe operária.

A experiência indica-nos que esclarecer, unir e mobilizar a classe operária em cada empresa, fortalecer aí a luta económica e política, desencadear potentes acções contra o fascismo, transformar as grandes empresas em baluartes do Partido — são objectivos que exigem a existência de secretariados de célula vivos, que reúnem regularmente, que discutam a acção na empresa, o fortalecimento do Partido na empresa, que sejam a verdadeira direcção política dos trabalhadores da empresa. Os secretariados de empresa decidem da nossa ligação à classe operária, da capacidade do Partido desempenhar o seu papel de vanguarda do proletariado nas novas grandes lutas que se avizinham.

Seria um erro supor que só num longo período conseguiremos mudar o panorama das nossas organizações nas empresas. O objectivo traçado pelo Comité Central é perfeitamente realizável desde que em cada sector se tomem medidas para vencer as dificuldades e se faça um controle permanente.

Fazer que este problema seja discutido politicamente pelos comités regionais e locais, dar aí o balanço às ligações de empresa existentes e às grandes concentrações operárias para onde devem ser dirigidos os principais esforços, dar uma ajuda política especial aos quadros operários com maiores possibilidades, acompanhar, discutir e vencer uma a uma as dificuldades que se levantam na criação dos secretariados de empresa — esta é uma importante tarefa para todos os organismos do Partido com responsabilidade de direcção de sectores operários.

A medida que se criem secretariados de célula nas empresas, será necessário acompanhar a sua vida política, defendê-los, fortalecê-los. Não basta que se apresentem realizados os números dos planos; importa que o Partido disponha de organismos vivos, mobilizando a classe operária para novas e mais intensas lutas pelos seus interesses de classe, contra o fascismo, pela Democracia e pela Paz